

Oi Olga, tudo bem? Eu acabei de ler o seu texto e fiquei com vontade de te dizer algumas palavras.

Oi Olga, passaram-se três dias desde que escrevi a frase acima e as palavras não vieram. Eu não sei onde elas estão, as palavras.

Atualmente estou morando dentro de um poema; é um poema longo intitulado *Prólogo canino-operístico*. E as palavras que não estão aqui dentro dessa casa parecem desaparecer. Por algum motivo misterioso eu decidi transformar esse poema, transar a sua forma em corpo, em matéria viva.

Porque você decidiu escrever para teatro Olga? O que você deseja transformar?

Nessa casa poema em que estou morando, um cachorro encontra-se preso dentro de um cubo, em um daqueles cubos que se encaixam 20 vezes uns dentro dos outros. Acontece que esse cubo é também uma sala de teatro e o cão é obrigado a anunciar a uma plateia algo que ele não sabe o quê. A primeira vez que li esse poema, não gostei. Achei estranho, algo ali incomodava. Seis meses depois quando reli, entendi que o poema era teatro. Que poderia ser teatro. Que seria dito em voz alta no atual contexto do nosso país. Isso muda tudo. Porque o teatro muda tudo. Tem uma feitiçaria envolvida! É um lugar que funciona ao revés, estranhamente mais falso e mais real que o real.

Estou te contando isso porque a primeira vez que li o seu texto eu não entendi nada, mas depois da segunda ou terceira vez entendi tardiamente, ou melhor, me lembrei que era dramaturgia, ou seja, teatro. Então meu olhar de leitor começou a ganhar presença, voz, corpo, tempo, espaço, cor, mais corpo, mais tempo, luz, Intensidade, peso, cheiro. Você está escrevendo pra teatro Olga! E você já leu "As Três Irmãs"? Pensar que o Tchekhov escreveu esta peça pra ser encenada no ano 1900. E pensar que 500 anos antes de Cristo ou seja 2500 anos atrás as pessoas estavam sentadas assistindo teatro na Grécia. Eu não sei porque eu tô te falando isso, Olga. Talvez pra te dizer que o teatro é antigo e potente. Pequeno e imprevisível!

Ando pensando muito qual teatro eu gostaria de fazer. Eu vinha fazendo um teatro que se aproximava muito da lógica da prosa, o objetivo era dar uma resposta a realidade e minha proposição atual é fazer um teatro-poema, teatro implicado em criar e compor. Anne Carson disse numa entrevista que se a prosa é uma casa a poesia é um homem em chamas correndo rapidamente através dela.

Que teatro você gostaria de fazer Olga? Você quer dialogar com quem? Com o surrealismo do Miró? Pra quem você pintaria uma tela? Você pode dizer que isso não te interessa ou você pode responder com o manifesto dadaísta, que tanto influenciou o pintor catalão:

"eu redijo um manifesto e não quero nada, eu digo portanto certas coisas e sou por princípios contra manifestos. Eu redijo este manifesto para mostrar que é possível fazer ações opostas simultaneamente, em uma única fresca respiração; Sou contra a ação pela continua contradição, pela afirmação também, eu não sou nem pró nem contra e não explico porque odeio o bom-senso"

Caramba! Que frase! Vou repetir: é possível fazer ações opostas simultaneamente, em uma única fresca respiração.

Os dadaístas diziam também que *o pensamento se faz na boca*. Tão teatral essa frase. O pensamento se faz na boca. Que delícia!

Você fez seu texto ser pensado na boca, Olga? Você lançou as palavras no ar? Dançou com as danadas? E como elas se comportaram, as bastardas?

Agora vou entrar nesta casa chamada "passei na sua casa pra ver suas pinturas". Será que teu texto é mesmo uma casa ou será que ele é uma mulher em chamas correndo rapidamente através de uma sala? Opa! No caminho da sua casa vislumbrei uma sala que estava com a porta aberta, nesta aqui três telas de dois metros e sessenta de altura por três metros e cinquenta de largura estavam à mostra. Vejo uma linha negra que flutua no espaço. A linha inscreve uma forma que não chega a ser concluída, pois é inesperadamente interrompida.

Você sabe o que é um garrote, Olga?

garrote

substantivo masculino

1.

pequeno pedaço de pau ou arrocho, usado para apertar a corda nos estrangulamentos de condenados.

2.

estrangulamento sem suspensão do corpo do supliciado, que geralmente era mantido preso a um assento.

É mesmo estranho e significativo que Miró tenha terminado "A esperança do homem condenado à morte" no mesmo dia em que estrangularam um ativista de 25 anos

chamado Salvador usando um garrote. Durante a ditadura de Franco, diante do fascismo parece que o catalão não pintava angústias metafísicas.

Penso que o maior desafio para o artista é considerar o contexto em que vivemos, considerar o contexto no qual nós fazemos teatro hoje.

Como a arte pode subverter a lógica da violência?

Desculpa Olga... é que me envolvi com a história do anarquista Salvador.

"Gente sente tudo, se envolve com tudo." Talvez essa seja nossa esperança. Algum resto de coisa humana que ainda pode ser evocada de tempos em tempos. Algum resto de azul, de amarelo que precisaremos desenterrar pra ver se aparece.

"Tenho cá pra mim que essa é a era glacial de nossa história. O que quer dizer que há muita história por vir. Enquanto combato meus fascistinhas internos me apaixono pelo teatro e pela Tempestade." Acabei de ler isto no Livro das Postagens. Fui ali, abri bem as cortinas e me lembrei do Chico:

Luz, quero luz, -
Sei que além das cortinas
São palcos azuis
E infinitas cortinas
Com palcos atrás
Arranca, vida
Estufa, veia
E pulsa, pulsa, pulsa,
Pulsa, pulsa mais

Sim, estamos na era glacial, Olga! Só mesmo um teatro em chamas, só mesmo a Tempestade com T maiúsculo! Coragem pra nós!

Toma esse abraço forte.

Com carinho,


Marcelo Castro